

FIO CONDUTOR DA MEMÓRIA NO ROMANCE DE CRISTÓVÃO TEZZA
MEMORY CONDUCTIVE WIRE IN THE ROMANCE OF CRISTÓVÃO TEZZA

Ulysses Rocha Filho
Universidade Federal de Goiás

RESUMO: A nossa discussão percorrerá o discurso, a memória e a presença do professor idoso (protagonista) Heliseu do romance *O Professor* (2014), do catarinense Cristóvão Tezza. Escrever sobre a tessitura de um enredo ficcional, tendo como parâmetro, a figura do professor, parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar, no caso, de Filologia Românica pelo português arcaico. Destarte, objetivamos o resgate da história do discurso desse e outros personagens professores e/ou educadores brasileiros (Berta – *Til*, José de Alencar; Aristarco – *O Ateneu*, Raul Pompéia; Dona Benta – *Reinações de Narizinho*, Monteiro Lobato; Madalena – *São Bernardo*, Graciliano Ramos; Abdias – *Abdias*, Cyro dos Anjos; Heliseu – *O professor*, Cristóvão Tezza e tantos outros) - pois não existe prática sem sujeito - e para que sejam referências aos (atuais) profissionais da educação, questionando e incentivando-os a ir além de suas limitações burocráticas, buscando um intercâmbio interdisciplinar, uma transformação social a partir de textos teóricos da educação e textos literários. Ainda que Heliseu seja Professor Universitário se aposentando, tem como função ser intermediário e formação constante entre os discentes e o futuro da sociedade em que se vive. A presente interlocução é produto parcial dos projetos de pesquisa *A figura do professor na literatura brasileira — primeiros momentos e Figurações contemporâneas do envelhecimento e da velhice em Representações literárias* (2014-2019).

PALAVRAS-CHAVE: memória; letramento literário; Identidade.

ABSTRACT: Our discussion will cover the discourse, the memory and the presence of the elderly professor (main character), Heliseu, from the novel “O Professor (The Professor)” (2014), written by Cristóvão Tezza. Writing under the perspective of a fictional plot and having as a parameter the figure of the professor seems more complex than we can imagine. This complexity increases when the parameter for definition assumes that it is the one allowed to teach Romance Philology by the archaic Portuguese. Thus, we aim to rescue the discourse history of this and other Brazilian teachers and educators (Berta – *Til*, José de Alencar; Aristarco – *O Ateneu*, Raul Pompéia; Dona Benta – *Reinações de Narizinho*, Monteiro Lobato; Madalena – *São Bernardo*, Graciliano Ramos; Abdias – *Abdias*, Cyro dos Anjos; Heliseu – *O professor*, Cristóvão Tezza, and others). Even though Heliseu is retiring as a college professor, he has as function to be an intermediary and constant former between the students and the future of the society in which they live. The present interlocution is a partial product from research projects “The figure of the teacher in Brazilian literature: first moments, and contemporary figurations of aging in literary representations” (2014-2019).

KEYWORDS: memory; literary literacy; identity.

O artigo presente configura-se como um recorte de obras da literatura brasileira — em especial do romance *O Professor* (publicado em 2014), do catarinense Cristóvão Tezza — que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino, tendo em vista o desenrolar histórico da educação brasileira além de

uma visão parcial de Profissionais da educação frente às salas de aula em idos de reclusão e censuras morais pelas quais, a maioria perpassam.

Assim, escrever a respeito da figura do(a) professor(a)¹ parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar.

Neste verbo *ensinar* temos muitos pressupostos: em primeiro lugar está a concepção que este profissional do ensino tem uma identidade e nela sua opção pelo magistério (perceptível em Berta, a protagonista do romance *Til*, de José de Alencar); em segundo lugar que é um profissional que tem o papel de levar o conhecimento construído e herdado pela humanidade a todos os cidadãos (aí encaixamos o nosso Abdias); em terceiro lugar é um profissional que não tem sido alvo de políticas públicas que valorizem sua escolha profissional (por exemplo, a professora Fräulein do modernista Mário de Andrade, *Amar Verbo Intransitivo*) e uma educação essencialmente de qualidade e, em quarto lugar, é um profissional que precisa investir continuamente em sua formação, casos não contemplados nas obras elencadas. E, claro, as reminiscências biográficas d'O *Professor* universitário Heliseu.

Cristovão Cesar Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, mas, acompanhando a família, mudou-se com oito anos de idade para Curitiba, no Paraná, onde vive até hoje.. Em dezembro de 1974, foi para Portugal, matriculado no Curso de Letras da Universidade de Coimbra.. Retornando ao Brasil em 1976, abriu uma oficina de concertos de relógios em Antonina, que abandonou em pouco tempo. Casou-se em 1977, ingressando finalmente na Universidade. Formou-se em Letras em 1982, na Universidade Federal do Paraná. Fez mestrado em Literatura Brasileira na UFSC (1984), onde começou a dar aulas de Língua Portuguesa como professor auxiliar. Em 1986, entrou para o Departamento de Linguística da UFPR, também na área de Língua Portuguesa, onde foi professor até 2009, quando se demitiu para se dedicar exclusivamente à literatura.

Suas obras já foram traduzidas em 18 países, como China, Estados Unidos, Noruega, México, Eslovênia e Inglaterra. Durante muitos anos assinou resenhas e textos críticos nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, e na revista *Veja*, e foi cronista semanal do jornal curitibano *Gazeta do Povo*.

¹No presente estudo, a figura ressaltada é masculina. Entretanto, em demais obras, da literatura nacional, prevalece a presença da mulher enquanto educadora. De qualquer forma, em se tratando do perfil do(a) Educador/Professor(a) cremos que a representação abarca tanto a figura do homem quanto da mulher que exerce a função do magistério.

O letramento literário² se define como práticas sociais que usam a escrita literária, considerando diversos contextos embora se destaquem no ambiente escolar, portanto os filmes, seriados, gibis, best-sellers e demais práticas relacionadas, são consideradas práticas de letramento. Faz-se necessário, analisarmos a prática literária levando em consideração o interesse do aluno em relação a leitura e a proposta do professor ao utilizar as obras clássicas que influênciam o educando a busca do conhecimento das obras passadas.

A riqueza que uma leitura traz ao leitor remete a todo o seu conhecimento, um conhecimento que terá ao longo de sua vida. A leitura vem como um apoio para a nossa vida, sendo a alavanca para o conhecimento, este vem entrelaçado com ela e essa união forma novos críticos, formando suas idéias sobre cada referencial.

Dessa forma, é relevante compreender o processo das representações sociais entre idosos acerca da velhice, suas percepções, ações e símbolos, fruto das experiências vivenciadas fisicamente e emocionalmente. Torna-se pertinente, uma vez que existem implicações subjetivas importantes e conquistas constituídas em leis maiores (Estatuto do Idoso, por exemplo) destinadas a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos – o que, solenemente, Antônia ignora, desvalorizando-se enquanto ser humano:

A sociedade industrial é maléfica para a velhice. [...]. A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse e a propriedade constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. (BOSI, 2001, p. 77).

O *professor* é a história de Eliseu da Motta e Silva, professor doutor de filologia romântica. Ele está em sua casa, se ajeitando mentalmente para uma ocasião única – homenageado na faculdade onde trabalha, se vê na cata de palavras para o discurso a ser feito para estudantes e docentes. Acompanhamos a (des)construção de seu raciocínio, serão só alguns minutos, mas... ele pode contar uma história neles. Sua mente

² O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular (COSSON, 2006b)

viaja: a opção pela filologia, esta disciplina abandonada por tantos desatentos e abraçada apaixonadamente por Eliseu.

Começando na UnB. Viram que prenderam uma porrada de estudantes? Não lembro o que eu respondi, ou se respondi - continuo com a saia discreta da folha A4 erguendo-se no mural de cortiça diante do café agora frio. Será que naquele tempo eu já sentia o tédio mortal da política brasileira? Como um português da Colônia, sempre estive aqui de passagem. Não, acho que não – o tédio é um sedimento de décadas. Um *sedimento*, não um *sentimento*, observem (de novo na sala de aula) a nasalização da vogal seguida do ensurdecimento da consoante _ *sêdi* _ *sênti*. Não. Naquele tempo, senhores – acho que senhores é no fim das contas mais elegante que *colegas*, não disfarça nada, mantém o protocolo e a distância, não preciso nem mais simular gentileza nem agredir ninguém, *senhores*, naquele tempo eu ainda tinha o sangue quente. (TEZZA, p. 14)

O professor Heliseu será homenageado pela universidade que dedicou a maior parte de sua vida. A trama de *O Professor* se passa em uma única manhã, e a narrativa, quase que inteiramente em primeira pessoa, é conduzida pelas lembranças fragmentárias do professor Heliseu.

Enquanto prepara o discurso de agradecimento é tomado por uma sucessão incontrolável de memórias e revisita momentos nem sempre felizes de sua vida: a convivência com o pai rígido; a morte da mãe; o tempo no seminário; o casamento com Mônica; o relacionamento conturbado com o filho; a paixão pela misteriosa Therèze e os percalços inusitados de sua carreira enquanto Professor em um período da história do Brasil em que houve resquícios da II Guerra Mundial e dos tempos da ditadura militar.

Acho que todas as pessoas do mundo deveriam receber esta medalha, independentemente do que fizeram na vida, sejamos generosos, deveriam receber medalha só pela oportunidade de, numa rápida cerimônia de acerto de contas, um pré-juízo final, rever a vida em poucas palavras, aquela essência que sempre nos falta, o tiquinho de nada que, se a gente chegasse lá, tudo resolvia com tranquilidade. (...) Deus não joga dados, joga? (TEZZA, p. 71)

Nessa também complexa narrativa, Heliseu se prepara para receber uma homenagem da universidade em que trabalhou durante muitos anos, como retribuição pelo seu trabalho sério e dedicado. O tempo da narrativa dura apenas um curto período e enquanto o professor aposentado prepara mentalmente seu discurso, ele reflete sobre sua própria vida a partir de diversas instâncias: profissional, afetiva, social e individual.

Essa reflexão e revolver de memórias se propagam de uma forma tão extensa dentro da própria história de Heliseu que ele chega a cogitar não ir a sua própria homenagem. Oscilando entre memórias, reflexões e explicações/explanações da história do Brasil e 17 da língua portuguesa, Heliseu abnega a sua cátedra para descortinar o máximo de sua própria história, de modo que ele possa revisá-la e organizá-la, como assim faz em seu discurso para a homenagem.

Perdi o fio do que dizia: seria mesmo engraçado, em vez de falar da minha vida acadêmica, falar da minha vida pessoal, que é o que de fato interessa a todos. Heliseu ergueu o queixo para o acabamento final da minha vida, passando lentamente o aparelho na pele branca e frágil do pescoço, ouvindo o discreto rascar da lâmina [...] Heliseu enxaguou o rosto com abundância de água, enxugou-se, e testou com uma leve pressão de dedos cada trecho de pele atrás de pelos perdidos. Procurar pelo em ovo, ele disse uma vez no anfiteatro, curtam a delícia das expressões populares. É mais ou menos o que passei a vida fazendo. (TEZZA, 2014, p. 113 e 114).

As lembranças se cruzam com a História do Brasil, desde o regime militar até os governos mais recentes, e o acerto de contas de Heliseu com seu passado transforma-se também no acerto de contas de um país com sua história. Tezza realiza a proeza de aliar pleno domínio dos recursos narrativos a um instigante enredo que não deixa pontas soltas, intrigando o leitor até o final.

Desse modo, a narrativa transcorre num turbilhão de ideias descompassadas. As que cabem ao eixo afetivo do protagonista deslindam os relacionamentos malogrados com a esposa Mônica e com Therèze, e mais ainda com o filho homossexual. Flagrá-lo numa cena com um colega o perturba profundamente. E os trechos reservados a entender essa relação são os melhores do livro, em especial aquele em que descreve a autoanulação que se inicia após o nascimento de um filho.

(...) por que, senhores, o professor se encantou por ela à primeira vista? Fechou os olhos, ponderando as possibilidades: um, porque eu estava disponível, o desejo da traição já vinha me tomando a alma há meses, esperando a sua presa, ou o seu momento, embora tudo não passasse de espera - nenhuma iniciativa. (...) É ela que me encontra - não tenho culpa. (...) e voltou a se concentrar em Therèze, que sorria diante dele, as pernas cruzadas, o mesmo sorriso ambíguo de quem pede desculpas mas aposta na própria graça para ser desculpada, a chantagem inocente da beleza: Desculpe, professor. (TEZZA, p. 134)

Diferente da modalidade mais comum de estudo que estabelece e descreve as relações entre a sociedade e as obras literárias, pesquisadores entenderam o fator social

não como uma tensão que atua de fora para dentro, mas é dado composicional do próprio texto, que o estrutura e internaliza.

Isto é, o traço social é tido como elemento que, fundamentalmente, atua na organização interna do romance, de maneira a compor o seu significado. O que antes era dissociado, de um lado fator externo, de outra estrutura, funde-se num bloco indissolúvel: isto é a figura do Professor Heliseu com a construção (ou tentativa de conseguir) elaborar um discurso para a platéia que o aguarda. Segundo Tezza,

E, na estrutura do livro, *O Professor*, tentei combinar um eixo realista, que dá um centro estável à narração, ao caos da memória, mas um caos artificial, organizado quase que em azulejos, pelo narrador. Tudo isso digo agora, mas na verdade escrevi este romance pela intuição e pelo faro. Ele foi avançando até chegar ao fim, sem nenhum esquema prévio além de uma direção – o momento de o professor sair de casa para receber sua homenagem.

Partindo do pressuposto de que “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 1975, 213) e de que não existe prática sem sujeito, Pêcheux apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito.

Durante os primeiros decênios do século XX, a educação brasileira vivia à sombra dos resquícios imperiais para que a política do *café-com-leite* sobressaísse a despeito da inércia do povo brasileiro.

Convém lembrar que o Brasil teve um florescimento econômico tardio, mesmo na América Latina e que, durante o século XIX, era mais pobre que o Peru tendo o seu crescimento muito lento. Em 1913, a título de informação, a renda *per capita* da Argentina era 4,5 vezes mais alta que a brasileira.

Somente depois da Primeira Guerra Mundial é que a economia brasileira floresceu e, paulatinamente, o ideal educacional foi se institucionalizando _ o que pode ser detectado em *O Professor*:

Pois bem, eu vou dizer – e a ideia lhe deu uma euforia, como quem descobre a chave de sua vida, um momento de uma feliz palpitação, era isso que eu estava buscando para mim mesmo. (TEZZA, p. 18)

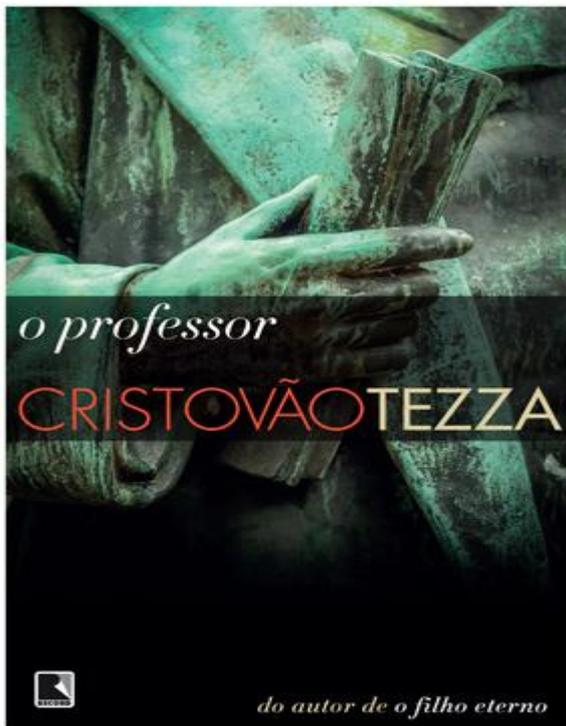
No processo dialético entre texto e leitura, às vezes, é difícil a um leitor elaborar significações próximas às imaginadas pelo autor, tendo em vista os diferentes tipos de experiências pessoais e sociais. Escritor e leitor trabalham produzindo e consumindo continuamente.

O escritor consome experiências e vivências – emoções, linguagem, memória – e produz o texto, fruto de um complexo sistema de opções determinado por seus valores. O leitor também consome e produz no ato da leitura: consome o texto objetivado pelo escritor e produz significações para o mesmo.

Como um resultado de escolhas, tanto autor quanto leitor, a partir de suas experiências e vivências, constroem as representações do real, de acordo com dada concepção de mundo. Portanto, o discurso não é neutro.

Sabemos que as informações contidas nas capas de livros e/ou revistas são fundamentais para a compreensão dos textos que veiculam pois podemos trabalhar e identificar a capacidade de antecipação de conteúdos, a capacidade de realização de inferências (ler nas entrelinhas), levantamento e posterior confirmação de hipóteses.

Não são consideradas, dessa forma, meramente a formatação da linguagem (a linguagem como forma de interação está centrada no indivíduo e o meio social em que ele está inserido), mas os recursos gráficos utilizados (tratamento de relevo, descrições imagéticas, aspectos de sofisticação em que a foto se completa na contracapa, enfim, como o design gráfico que é apresentado).



Tais paratextos, ou seja, as relações transtextuais na concepção de Gérard Genette, concorrem para elucidar melhor sobre a temática, formatação e alegorias presentes na obra de qualquer autor e retomam o texto como força discursiva. Assim, a capa do livro de Cristovão Tezza nos remete à diplomação do Professor Heliseu bem como a sua diplomação – o que pode ser ressaltado na reprodução acima.

Conforme pesquisas, Debert (1998, p. 253) afirma que, “a velhice é uma realidade vivida por pessoas velhas com suas histórias, não é uma abstração”, ou seja, todos os problemas e dificuldades da velhice têm que ser encarados com seriedade, visto que, nossa sociedade está envelhecendo.³ Procurar entender e ajudar os idosos, pois a imprensa e as estatísticas começaram a mostrar números que demonstram este envelhecimento e alertar para os problemas decorrentes dele.

³ A Organização Mundial de Saúde informou que, em 2020, o número de idosos do planeta será maior do que o de crianças. Dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que a população brasileira acima dos 60 anos, que hoje é de 14,9 milhões, deve chegar a 58,4 milhões nos próximos 45 anos. Os brasileiros não só estão envelhecendo mais como estão se casando com 30 anos ou mais. Mas a taxa de fecundidade está em 1,8 filho por mulher, quando a média mundial é de 2,1 filhos. Por isso, a constatação óbvia é a de que a população brasileira está envelhecendo.

[...] as representações sobre a velhice, a idade a partir da qual os indivíduos são considerados velhos, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A mesma perspectiva orienta a análise das outras etapas da vida, como a infância, a adolescência e a juventude. [...] A pesquisa antropológica demonstra, assim, que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos. (DEBERT, p. 8-9.)

O sujeito do romance *O Professor*, Heliseu, faz com que a história aconteça, faz com que ela tenha sentido porque rememora sua vida frente à situação limite, em que vai ser homenageado por sua atuação acadêmica ao longo de sua vida.

Ele rememora a história de um período de sua vida muito complicado. Não tão complexo quanto a esse período da velhice. Mas considera esse tempo de pouco futuro.

É a fase da vida em que a velhice lhe bate à porta, e, não está pronto para recebê-la não admitindo de hipótese alguma que lhe alcance. Também por isso sofre muito, entregando-se a medos absurdos: a uma depressão que lhe tira toda a coragem de lutar contra esses medos. São os estragos do tempo.

[...] mesmo diante do caixão de Mônica, pai e filho refreavam os gritos de ódio em sussurros furiosos – ele criou coragem ali pela primeira vez, um monstro incipiente, talvez porque eu não pudesse reagir naquela situação, diante da mulher morta dois dias antes; que lugar mais adequado para acertar as contas e descobrir o sentido da vida? E agora me ocorre – foi meu filho, senhores, foi ele, naquele momento que usou esta expressão ridícula, o sentido da vida, que eu ando martelando na cabeça como quem repete uma frase de almanaque. (TEZZA, p. 127)

A velhice representa para o Professor Heliseu, um estágio da vida com limitações. Ela. É como se estivesse murcho, como se suas experiências vivenciadas ao longo dos anos, tivessem sugado-lhe todas as forças. As debilitações causadas por esse período de sua vida estavam em sua imaginação. Somente quando aceitasse a velhice, conseguiria encontrar a paz que tanto almejava, através de sua cura interior.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Observada dessa forma, é necessário que se resgate esses e outros personagens Professores e Educadores, para nos espelharmos e procurar ir além de suas limitações,

buscando um intercâmbio interdisciplinar, a partir de textos teóricos da educação e textos literários e que o Professor - Educador sensibilize seus pares para a qualidade de ensino, tão importante nos dias de hoje.

Também as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura, sendo o ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção ou do contexto a que estão inseridas.

Em *O professor*, o autor Cristovão Tezza explora outra forma da personagem-narradora lançar mão da função de escritor. Heliseu narra os acontecimentos de sua vida à medida que se empenha em escrever o seu discurso de agradecimento ao título que receberá na universidade na qual trabalhou boa parte de sua carreira profissional. O professor, ao revolver suas memórias, repensou acontecimentos passados enquanto decidia qual o vocativo adequado para iniciar seu discurso (se “Vossa Senhoria”, “você” ou “Ilustríssimos”).

No processo dialético entre texto e leitura, às vezes, é difícil a um leitor elaborar significações próximas às imaginadas pelo autor, tendo em vista os diferentes tipos de experiências pessoais e sociais. Escritor e leitor trabalham produzindo e consumindo continuamente. O escritor consome experiências e vivências – emoções, linguagem, memória – e produz o texto, fruto de um complexo sistema de opções determinado por seus valores.

Também as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura, sendo o ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção ou do contexto a que estão inseridas. Certamente, não se pode definir o ser professor com tons de que é aquele que tem a missão de ensinar ou ainda de que só pode ser professor aquele que é vocacionado para tal, mas aquele que por opção e ou por oportunidade “abraça” fazer a diferença onde está inserido profissionalmente.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, V. N. **Questões de Literatura e Estética**, A Teoria do Romance. São Paulo: Annablume, 2002.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEBERT, G. G. (org.) **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **A reinvenção da velhice**. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp - Fapesp, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando. 1998.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica** – São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

PÊCHEUX, Michel (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. (Volume 1)

TEZZA, Cristovão. **O Professor**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

VENTURELLI, Paulo. **A literatura na escola**. Revista Letras, n. 39, Curitiba, p. 259-269, 1990.

<http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf> Acessado: em 06 de junho 2017.